

## Retratos em retalhos: sobre Alves Redol, Manuel da Fonseca e Jorge Amado

### Conheci os três...

Com saudade e renascida curiosidade folheio hoje alguns dos livros que comprei em Lisboa, em 1968, quando lá estive pela primeira vez: *Gaibéus*, *Avieiros*, *Fanga* de Alves Redol; *Aldeia Nova*, *Seara de Vento*, *Poemas Completos* de Manuel da Fonseca. Conheci os dois escritores. Conversei com eles acerca do movimento neorrealista, pois tinha começado a estudar a obra de Soeiro Pereira Gomes, de quem escreveria muito mais tarde, em 1999, a «biografia literária», publicada pela Caminho.

O Neorrealismo e o romance social brasileiro fascinavam-me, então: Graciliano Ramos – licenciiei-me, em Roma, naquele mesmo ano com uma tese sobre *Vidas Secas*, tendo como orientador Murilo Mendes, Amando Fontes, José Lins do Rêgo, Raquel de Queirós. E Jorge Amado de *Cacau* e *Mar morto*, de *Gabriela cravo e canela* e *Tiêta do Agreste*.

Qual é o denominador comum desses escritores? O que me fascinava nessa literatura?

Era a procura ardorosa de um caminho novo e solidário de todos e para todos:

Que venham todos os pobres da Terra  
os ofendidos e os humilhados  
os torturados  
os loucos:  
meu abraço é cada vez mais largo  
envolve-os a todos!

(Manuel da FONSECA, *Poemas Completos*, 1958)

Era o desejo de construir uma «aldeia nova», que abrigasse os *gaibéus*, os boias-frias, que «do Alto Ribatejo e da Beira Baixa descem as lezírias pelas mondas e ceifas» (dedicatória de *Gaibéus*); «os fangueiros dos campos da Golegã» (dedicatória de *Fanga*), os avieiros que «da Vieira-de-Leiria vêm ao Ribatejo» (dedicatória de *Avieiros*) e *tutti quanti*, brancos e negros e mestiços, assim que um Francisco José Tenreiro pudesse gritar:

Mestiço!  
 Quando amo a branca  
 sou branco...  
 Quando amo a negra  
 Sou negro.  
 Pois é...

(*Ilha de Nome Santo*, 1942)

Era a vontade de romper o cerco que esmagava os miúdos dos esteiros, «filhos dos homens que nunca foram meninos» (dedicatória de Esteiros) e os caboclos Fabiano e Sinhá Vitória, os primeiros presos no suceder-se das estações (outono, inverno, primavera, verão, outono...), os nordestinos presos no ciclo das secas.

Jorge Amado, que me honrou com a sua amizade – e aproveitou o ensejo para lembrar também o carinho de Zélia – em toda a sua obra, desde *O País do Carnaval* até *O Sumiço da Santa* interpretou esses mesmos anseios e lutas ora com a paixão política e o *engagement* de Sergipano, de Antônio Balduino, de Neném, ora com o riso e a alegria de viver de Gabriela e Dona Flor, de velhos marinheiros, sem barco e sem mar, de Jesuíno Galo Doido, Cabo Martim e Curió. Concluo esse *memento* de saudade com as palavras que Jorge pronunciou, quando recebeu, em 1990, na Universidade de Bari, onde eu lecionava então, o título de Doutor *honoris causa*:

Orgulho-me de ter lutado, desde muito jovem, uma luta sem medida e sem fronteiras, contra tudo que é feio e sujo: a miséria, a fome, a infância desvalida, a injustiça, a opressão e os preconceitos de toda ordem. Antes de tudo e sobretudo contra o racismo.

Giovanni Ricciardi

Professor aposentado pelas Universidades de Bari e Napoli.

Quando em 1950 publiquei o meu primeiro livro, já Redol, Manuel da Fonseca e Carlos de Oliveira (para falar dos romancistas que mais me tocaram) tinham descoberto horizontes novos na Literatura Portuguesa, enriquecendo-a com exemplos seguros e indiscutivelmente diferenciados na sua expressão artística. Já Mário Dionísio, com lucidez e verdadeiro poder criador, exercia uma atividade crítica que se tornaria imprescindível à teorização do movimento neorrealista em curso e que, além disso, o prepararia para o lugar de ensaísta que hoje lhe é reconhecido.

Cabe agora perguntar se a revelação desse novo romance e dessa nova corrente não viria a beneficiar até os escritores das outras tendências. E eu penso que sim. Que beneficiaram esses e mais ainda, como é natural, os jovens da minha

geração. A crítica aprofundou-se, o debate estimulou as imaginações. Os defeitos das primeiras experiências foram a lição prática que recebemos todos nós, os que viemos depois.

*José Cardoso Pires*

«Uma incomodidade deliberada». Para *Vértice*, março de 1965.  
In: MENDES, José Manuel. *Charrua em Campo de Pedras*.  
Lisboa: Ed. Seara Nova, 1975, pp. 229-230.

### A propósito de Alves Redol, Manuel da Fonseca e Jorge Amado

O campo político e literário dos anos 30 e 40 do século xx aproximou brasileiros e portugueses, no tocante a uma arte de intervenção que propunha abertamente a tensa articulação entre a forma literária e o processo social. A narrativa de ênfase social do Brasil e de Portugal dessa época, espelhando uma consciência aguda do subdesenvolvimento, passa majoritariamente a retratar a exploração do trabalho assalariado do campo e da cidade, a luta pela posse da terra em face do domínio do latifúndio e a presença relevante de novos atores sociais no espaço público, como a mulher e o negro. Todos esses aspectos dão a ver os impasses provocados por uma nova ordem capitalista mundial que suplantava os antigos modos de produção e implantava uma modernização técnica e material que acabou ficando incompleta, em razão do lugar secundário que ocupavam Brasil e Portugal no concerto das principais economias do globo.

A obra de Jorge Amado, pelo menos a parte de forte empenho político, denominado pelo autor de «romances do cacau» e «romances da Bahia», apresenta com veemência os entraves de um projeto modernizador inconcluso no Terceiro Mundo, destacando, de forma recorrente, a opressão sofrida pelo trabalhador rural da fazenda, a condição marginalizada do lumpem-proletariado da cidade, e principalmente, ressaltando a condição do negro numa sociedade tão desigual historicamente como a nossa, em que raça e classe são categorias que se confundem. Alves Redol e Manuel da Fonseca, por sua vez, compartilham de semelhante projeto literário. O romance de Redol enfoca, em grande parte, o trabalhador rural português sem o direito à terra e em condições degradantes de moradia, trabalho e alimentação, denunciando, assim, os avanços de um modelo econômico internacional que atendia aos interesses de potências hegemônicas e piorava as condições de vida em países periféricos como Portugal. Já Manuel da Fonseca, especialmente no conto e no romance, com base em premissas ideológicas análogas, compromete-se em representar não só a situação aviltante do trabalhador braçal, mas também em trazer à tona o universo modorrento dos vilarejos

e/ou ambientes provincianos sufocados por mandonismos políticos ultrapassados e pelo próprio modo de ser de um ordenamento social arraigado e decadente, sem perspectiva de mudança, apesar da marcha irrefreável de um progresso descontinuo que beneficiava apenas certos grupos privilegiados.

Edvaldo A. Bergamo

Departamento de Teoria Literária e Literaturas – Universidade de Brasília (UnB)